

Um experimento de construção de “intersubjetividade” entre dois ambientes radicalmente diversos na cidade de São Paulo, a favela e a universidade

An experiment in building “intersubjectivity” between two radically different environments in the city of São Paulo, the favela and the university

Roberta Dabdab, Norval Baitello Junior

RESUMO

Nossa proposta inicial foi de aproximar dois ambientes culturais diversos, 2 grupos diferentes de jovens: os jovens alunos da graduação de Jornalismo e de Múltiplos da PUC-SP e os jovens do coletivo *Nofotofake* da favela de Heliópolis (sujeitas e sujeitos da pesquisa da doutoranda Roberta Dabdab), para fotografarem juntos seus respectivos ambientes como apontamento para a construção de um “modelo intersubjetivo” de design social, capaz de induzir a criação de intersubjetividades entre eles. Estávamos vivendo a pandemia em seu maior pico (2021) e nossa hipótese não se confirmou em um primeiro momento, mas, aflorou e confirmou a importância de um modelo que possibilite desenhar novas configurações sociais, culturais logo, ambientais, um tipo de “biodesign”. A metodologia está alicerçada pela Teoria de Mídia de Harry Pross e suas considerações sobre a “mídia primária” e seguirá caminhos apontados por Vilém Flusser (intersubjetividade) e Baitello (iconofagia).

Palavras chave: Intersubjetividade; Biodesign Social; Gesto fotográfico; Nofotofake; Iconofagia.

ABSTRACT

Our initial proposal was to bring together two diverse cultural environments, two different groups of young people: the young undergraduate students of the Journalism and Múltiplos at PUC-SP and the young people of the Nofotofake collective from the favela of Heliópolis (subjects and subjects of the research of doctoral student Roberta Dabdab), to photograph together their respective environments as a contribution to the construction of an “intersubjective model” of social design, capable of inducing the creation of intersubjectivities among them. We were living the pandemic at its peak (2021) and our hypothesis was not confirmed at first, but it flourished and confirmed the importance of a model that makes it possible to design new social, cultural and therefore environmental configurations, a kind of “biodesign”. The methodology is based on Harry Pross’s Media Theory and his considerations about “primary media” and will follow paths pointed out by Vilém Flusser (intersubjectivity) and Baitello (iconophagy).

Keywords: Intersubjectivity; Social Biodesign; Photographic Gesture; Nofotofake; Iconophagy.



INFORMACIÓN

<https://doi.org/10.46652/resistances.v3i5.80>
ISSN 2737-6222 |
Vol. 3 No. 5, 2022, e21080
Quito, Ecuador

Enviado: April 25, 2022
Aceptado: junio 06, 2022
Publicado: junio 12, 2022
Publicación continua
Sección Dossier | Peer Reviewed



OPEN ACCESS

AUTORES

 **Roberta Dabdab**
Pontificia Universidade Católica de São Paulo - Brasil
robertadabdab.9@gmail.com

 **Norval Baitello Junior**
Pontificia Universidade Católica de São Paulo - Brasil
norvalbaitello@pucsp.br

Conflicto de intereses

Los autores declaran que no existe conflicto de intereses.

Financiamiento

Pontificia Universidade Católica de São Paulo.

Agradecimientos

N/A

Nota

El artículo no se desprende de trabajos anteriores.

PUBLISHER

RELIGACIÓN
CICSHAL
Centro de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades desde América Latina

A vida é pura devoração. (Oswald de Andrade)

1. Um experimento de construção de intersubjetividade

O experimento piloto Helipa>Puc–Puc>Helipa foi contemplado com o PIPEXT, prêmio de incentivo à pesquisa oferecido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo¹, no começo de 2020. A proposta do projeto era aproximar dois ambientes culturais diversos por meio de dois grupos diferentes de jovens: os jovens alunos dos cursos de graduação em Jornalismo e do curso de Comunicação em Mídias da PUC-SP e os jovens do coletivo *Nofotofake*² de Heliópolis³ (sujeitas e sujeitos da pesquisa da doutoranda Roberta Dabdab), para fotografarem juntos seus respectivos ambientes como proposta para a construção de um “modelo intersubjetivo” de design social. Nossa hipótese é a de que uma experiência completa de comunicação pode induzir à criação de intersubjetividades entre eles e indicar caminhos para uma melhor compreensão de sociabilidades entre extremos, a busca por alteridade e desalienação, conceitos importantes para nos vincularmos ao mundo atual e que requerem novos aportes e enfoques inovadores. A metodologia seguiu os caminhos apontados por Vilém Flusser em alguns ensaios, livros e sua correspondência ainda inédita: os conceitos de “reconhecimento”, a “conversação” como instrumento para criar realidades, a “intersubjetividade”. Assim descreve Flusser o tema:

Toda vez que eu reconheço um homem, meu horizonte meu mundo se abre, se amplia. Eu posso ver pelo seu ponto de vista também. Meu conhecimento sobre o mundo se torna menos subjetivo e mais intersubjetivo porque os objetos do mundo agora são seres destinados, dirigidos a partir de dois pontos de vista: eles se tornam mais reais. A intersubjetividade amplia e aprofunda o mundo, torna-o mais real. Isso vale para o conhecimento intersubjetivo, experiência intersubjetiva, desejos intersubjetivos, ações intersubjetivas. Porque nenhuma destas relações podem ser separadas umas das outras. (Flusser, Sd-3, p. 5)

2. Fotografar o outro como “devoração” e metabolização do estranho

O projeto de pesquisa foi fundado na proposta de reunir um grupo de jovens de dois ambientes sociais muito diversos para fotografar a cidade. Isto significa, produzir imagens fotográficas. Amparamo-nos no conceito de “iconofagia” (que pressupõe “imagem como devoração do mundo por meio de um aparato”). A iconofagia, contudo, é um processo complexo, implica também em sermos obrigados a nos tornar imagens que serão devoradas por outros, o que significa

1 A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) é uma universidade com larga tradição de resistência política durante a ditadura militar no Brasil, abrigando professores e alunos banidos das universidades públicas. A Universidade desenvolve também projetos de educação para deficientes, enquadrando-se como instituição filantrópica

2 O projeto independente “Nofotofake” teve início em fev. 2019 e contou com a participação de por volta de 30 jovens até 2021; lembrando que durante o tempo do lockdown/ covid19, o projeto sofreu uma interrupção. Em cada semestre saíam alguns e entravam novos participantes. Não segue nenhuma estrutura fixa, apenas a importância da escuta e do diálogo entre a pesquisadora e os jovens. O nome foi escolhido em conjunto com os participantes. Nossa página no Instagram é: <https://www.instagram.com/nofotofake/>

3 Heliópolis, aqui denominada “Helipa” em sua forma afetiva, é a maior favela da cidade de São Paulo. Com 200.000 habitantes, ocupa uma área de 1 milhão de metros quadrados e fica a 8km do centro da cidade.

uma perda de identidade e de alteridade: “Onde não há alteridade, não sabemos quem somos” (Baitello, 2019).

Com isto propomos aqui experimentar conceitos elementares de uma prática que podemos denominar “biodesign”, intervenções nos ambientes socioculturais que pretendem trazer mudanças na qualidade de vida dos envolvidos, por meio de recursos educacionais.

Este referencial teórico proposto acima é alicerçado pela Teoria da Mídia de Harry Pross, em especial em suas considerações sobre a “mídia primária”, a potência do corpo e da presença para a construção da comunicação e para a superação das coerções simbólicas, sempre na busca por uma abordagem autodeterminação, o foco central de Pross e sua pesquisa. Com uma postura corajosamente pioneira, em um momento de deslumbramento pelos meios técnicos, Pross (1972) declarou: “Toda comunicação humana começa no grupo [dos meios] *primário[s]*, no qual os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para aí” (p. 128).

Também é importante deixar claro que este experimento tem em conta a consciência de “ambiente” como conjunto de relações que não separam o sujeito do objeto ou que não separam os humanos dos não-humanos, entendendo a vida como o conjunto das vivências construídas entre seres vivos, sendo as coisas e não coisas, todos participantes e agentes dela; sugerimos chamá-la “uma abordagem ecossocial”.

Neste sentido, a fotografia seria compreendida como uma ferramenta de aproximação bem como um escudo de mediação para encontros que podem ser muito traumáticos. A experiência anterior de Roberta Dabdab no grupo *Nofotofake* demonstrava que o gesto fotográfico seria uma indispensável ferramenta de aproximação entre os dois grupos, uma vez que a universalização dos celulares com câmeras fotográficas tornou-se um fato indiscutível, sobretudo na faixa etária em que estávamos operando.

3. Desenhar configurações sociais, culturais, ambientais: um tipo de “biodesign”

A ideia de aproximar diferentes realidades surge do desafio, já apontado por diversos autores das Ciências Humanas, de se pensar um modelo “antropofágico”⁴ para a produção e troca de conhecimento fundamentado na Antropofagia de Oswald de Andrade. Neste sentido Baitello (iconofagia) e Flusser (intersubjetividade) mantém um diálogo significativo para nossa proposta.

Baitello (2002) define a “antropofagia (pura)”, como uma relação entre corpos: “corpos devoram corpos” e a “iconofagia (pura)” como “imagens que devoram imagens”, e esclarece, com os parênteses, que estes fenômenos não acontecem de forma transparente – não são puros – e que apropriações físicas e simbólicas vão se engendrando através dos vínculos comunicativos e sociais até o surgimento da iconofagia (pp. 4-5).

4 O pensamento “antropofágico” surgiu com o movimento artístico nascido em 1928, protagonizado por Oswald de Andrade, Mario de Andrade e Tarsila do Amaral, que propunha uma forma alternativa de assimilação cultural, uma “devoração” do outro, tal como faziam os indígenas com os inimigos valentes aprisionados: eles os devoravam para incorporar suas qualidades guerreiras. A Antropofagia [cultural] propõe uma incorporação do outro, olhar com seus olhos, ouvir com seus ouvidos.

A iconofagia, define o autor, é um fenômeno da sociedade imagética que trata da devoração de imagens, juntamente com a voracidade por imagens e a gula das próprias imagens. Isto significa que estamos constantemente mediados, refletidos e reflexionados (ou seja, pensados ou metabolizados) nas imagens.

Assim, ao consumirmos imagens, já não as consumimos por sua função janela (Kamper), mas por sua função “biombo” (Flusser). Ao invés de remeter ao mundo e às coisas, elas passam a bloquear seu acesso, remetendo apenas ao repertório e repositório das próprias imagens. (Baitello, 2014, p. 73)

É aqui que fundamentamos a essência para os encontros físicos – o propósito deste piloto – pois entendemos que um processo vinculador (ou seja, um gesto comunicador) precisa de fato de aproximação, de corpo. Assim, apostamos na vivência e na troca imediata (quer dizer, sem mediações) de experiências – mídia primária (segundo Harry Pross) –, para potencializar uma expansão cognitiva entre diferentes; sair da alienação em busca da alteridade. Olhar com os olhos do outro, ouvir com seus ouvidos, incorporar a alteridade, seria a meta pretendida.

“Onde não há alteridade, não sabemos quem somos” afirma Baitello (2019), abordando o conceito de maneira concisa: “E, se não sabemos quem somos, aceitamos qualquer retrato do outro, desprendido de nossa própria percepção” (p. 97). Aceitar o outro sem uma consciência crítica; é uma maneira de estar no mundo sem pontos de vista, sendo manipulados, controlados e objetificados. Pensamento crítico é premissa para a autodeterminação.

Paulo Freire (2014) também nos oferece subsídios quando defende: “o que os jovens necessitam é precisamente do testemunho da diferença e o direito de discutir a diferença” (p. 35), e complementa: “na minha perspectiva quanto mais a universidade estimular diferentes formas de pensar, de sonhar, tanto mais os estudantes terão a possibilidade de fazer escolhas no futuro” (Freire, 2014, p. 35).

Em Flusser, vamos destacar no artigo “Ame teu outro como a ti próprio” de 1972, o modelo que ele sugere para responder à pergunta primordial da antropofagia: “como incorporar o outro, e como ser incorporado pelo outro, sem que se perca a diferença na identidade?”; O autor vai buscar na literatura talmúdica, em Hilel o ancião, a resposta (Sd- x, p. 90):

O judaísmo resolve o problema (da antropofagia): devorador e devorado, “eu próprio” e o “outro”, “homem” e “o deus”, não passam de abstrações teóricas da relação concreta da intersubjetividade. O outro não existe sem mim, e eu não existo sem o outro. É da relação intersubjetiva, concreta, imediata, (e não mediatizável), que ambos surgem. (Sd-1, p. 91)

A noção de nos implicarmos com o mundo, com os outros que nos cercam, é o que defendemos com este experimento, e nosso diagnóstico para este fim, parte da importância da comunicação primária de Pross, sem mediações. É assim que entendemos a experiência intersubjetiva:

uma abordagem ecológica para a sociabilidade que coloca a todos (humanos e não humanos) em um mesmo lugar de importância, e em relação mútua.

A ideia inicial era criar um ambiente de “emancipação” por meio da fotografia, aproximando os grupos. Bruno Latour (2005) afirma: “A emancipação, não significa livre de vínculos, mas bem apegado a eles” (p. 218). A proposta pelos encontros é justamente esta: uma busca pela autodeterminação através dos vínculos que nos unem aos outros.

4. “Descolonizar a percepção”

O convite para integrar o projeto foi feito durante as aulas da graduação dos cursos de Multimeios e de Jornalismo, no primeiro semestre de 2021, e a turma iniciou com 6 interessados da Puc e 8 de Helipa. Assim o grupo Helipa-Puc foi criado em 8 de julho 2021, em pleno isolamento social exigido pelas normas sanitárias durante a pandemia da COVID 19.

Estávamos vivendo a incerteza da pandemia, as contaminações, as mortes e os encontros que seriam presenciais foram para o online, perdendo de fato sua força “como uma experiência completa de comunicação”. Muitos acabaram desistindo e não participando. A pandemia mudou a rotina e dinâmica de muitos deles: na turma de Helipa uma integrante de 16 anos engravidou, muitos que só estudavam, começaram a trabalhar. E com relação a turma da Puc todos muito ocupados com a faculdade, uma integrante teve que trancar o curso e parou de se comunicar pelo WhatsApp; enfim fomos percebendo que a hipótese inicial não se confirmaria. Mas, uma nova turma de Helipa apareceu, indicados pelo Dênis—que já participava do projeto desde a segunda formação, e eles foram se engajando, participando de todos os encontros online e interessados nas “saídas fotográficas”.

Refletindo sobre os caminhos que o experimento seguiu e a hipótese não confirmada, podemos sustentar que uma outra hipótese se confirmou, que é a do experimento “helipavisita”⁵: nossas saídas fotográficas para lugares desconhecidos dos jovens e centrais em São Paulo, como maneira de descolonizar a percepção e vivenciar novas experiências, novas cognições; uma abordagem que também segue as premissas dos autores já apresentados, com viés antropológico e ecológico.

Voltando ao processo, já no segundo encontro online a turma, em geral, foi perdendo o interesse, os jovens participavam e depois não voltavam, e o projeto foi ficando descontinuado, os combinados não eram realizados por uma questão de pouco comprometimento da parte deles. É importante pontuar que a pesquisadora-coordenadora no início ficou confusa e com pouca experiência para conduzir uma aproximação entre os dois ambientes, principalmente por serem online, o que significa, sem ambiente de comunicação primária.

De fato, a pesquisadora conclui que a dinâmica das salas online acaba sendo mais “adequa-

5 Para conhecer mais sobre este experimento segue a participação da pesquisadora Roberta Dabdab no Colloque Corps em 2021: <https://www.youtube.com/watch?v=2ULiN-10Sds>

da” para o formato de uma aula ou de uma palestra, isto é, com um objetivo final e em comum com os participantes, e que, para encontros que demandam empatia, processo e escolha, ela é limitadora.

Quando conseguimos marcar o primeiro passeio – pensamos em um ambiente mais “seguro” e que interessasse a todos–pois estávamos na primeira fase de abertura do isolamento – e escolhemos visitar a Bienal de São Paulo⁶ e o Parque do Ibirapuera⁷ no dia 16/10; havia 3 alunos da Puc, e 12 de Helipa. Interessante perceber que a turma da Puc nos encontrou direto na Bienal, isto é, eles não pegaram os transportes públicos junto com os outros para chegar lá. E na hora do almoço, também saíram antes para almoçar com suas famílias. Houve poucas interações, mas alguns bons momentos juntos.

No encontro online que fizemos depois do passeio para falar sobre a Bienal e olhar a produção de imagens de cada um, só apareceu uma aluna do curso de Multimeios da PUC, aliás muito determinada e engajada com o projeto. Mas no dia seguinte me mandou um Whatsapp avisando que iria sair e pontuou muito bem o que a afligia e o que não fazia sentido para ela; reproduzo aqui a mensagem dela:

[10:11, 01/11/2021] “Roberta, bom dia! Preciso falar com você sobre como estou me sentindo, e vou ser bem sincera porque acho que é o certo. Não me sinto confortável de ser a única representante da PUC no projeto. Por não termos visões plurais de alunos da PUC — pelo menos quase nunca —, acaba que o único contraste a todas aquelas pessoas de Helipa sou eu. De tudo que eles têm pra falar, só tem eu pra justapor. Me sinto estranha quando destacamos as diferenças entre Helipa e a PUC, sendo que eu sou a única participante que pode confirmar essa diferença — e eu nunca frequentei a PUC [presencialmente, devido à pandemia], então acaba sendo mais uma diferença de classe social do que de ambientes físicos mesmo. Ainda que não seja essa a intenção, fica quase como se o objetivo dos encontros fosse relembrar todo mundo que eu sou mais rica do que eles. Não sei se, ao ouvir a gente falar, você tem chegado a reflexões mais profundas sobre arte e pluralidades, mas eu pessoalmente entrei no projeto porque me animei com a premissa de comparar olhares fotográficos diferentes e discuti-los, e na prática não sei se isso está acontecendo.

Naturalmente, pesquisas nunca são exatamente o que a gente se propõe a fazer, porque envolvem fatores imprevisíveis, como uma pandemia ou a falta de comprometimento de muitas pessoas. Mas parece que não estamos mais usando os encontros para discutir as fotografias em si, e sim comparar realidades econômicas de forma geral. No último encontro, nem olhamos

6 A Bienal de São Paulo (antiga Bienal Internacional de Arte de São Paulo) é uma exposição de artes que ocorre a cada dois anos na cidade de São Paulo, desde 1951. É considerada um dos três principais eventos do circuito artístico internacional, junto à Bienal de Veneza e Documenta de Kassel. Maior exposição do hemisfério sul, a Bienal é pautada por questões inovadoras do cenário contemporâneo e reúne mais de 500 mil pessoas por edição. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bienal_Internacional_de_Arte_de_São_Paulo . Acesso em: 25/03/2022.

7 O Parque Ibirapuera é um parque urbano localizado na cidade de São Paulo, Brasil. Em 2017, foi o parque mais visitado da América Latina, com aproximadamente 14 milhões de visitas, além de ser um dos locais mais fotografados do mundo. Possui 08 pavilhões que abrigam museus, o auditório, marquise, concebidos pelo arquiteto Oscar Niemeyer nos anos 50. O Pavilhão Cicillo Matarazzo, popularmente chamado de Pavilhão da Bienal, é a atual sede da Bienal de São Paulo. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Ibirapuera. Acesso em: 25/03/2022.

as fotos da Bienal... Acho esquisito quando me perguntam o que achei da galera de Helipa, por exemplo, porque cada um deles é uma pessoa diferente, e às vezes tenho a sensação de que estamos tratando essas pessoas como uma massa homogênea (sendo que eles nem são todos moradores de Helipa), e como um grupo que seria quase “alienígena” para mim só porque eu não moro na favela. Encontrar com eles na Bienal não foi diferente pra mim pelo fato deles serem da favela, e sim por serem pessoas desconhecidas com quem eu nunca tinha conversado. (E acabei não conversando muito mesmo; daí era responsabilidade minha ter ido atrás, e fico tímida quando estou sozinha com desconhecidos. Estou dizendo tudo isso porque tinha me empolgado com a ideia de contrastar perspectivas a partir da fotografia, mas perdi a empolgação ao me tornar a única representante da minha realidade (frente a muitos de outra), e mais ainda ao pensar no “tour” por Helipa. Tenho receio de ser apenas um “turismo” mesmo, um dia em que eu realço meus inúmeros privilégios na frente de todos e acabamos não falando do problema em si, e sim apenas desse contraste. Sabe? Um reforço de que o contraste existe. Acho que, pra quem mora em Helipa, Helipa é só Helipa mesmo... Não é uma exposição ou cidade turística pra levar a burguesa da PUC (eu) numa excursão. Acho importantíssima a preocupação com a conscientização, tanto dos moradores de Heliópolis quanto dos estudantes da PUC, sobre aquilo que existe e que não vemos. Todo mundo tem que sair da bolha sim.

Mas esse formato específico está me gerando desconforto. Não sei se visitar como “tour”, olhar e ir embora, é a melhor forma de sair da bolha. E também não sei como eles se sentem de me levar lá nesse contexto, mostrar a favela pra alguém que nunca teve necessidade de estar numa favela. Aí eu saio de lá com uma experiência nova e eles podem sair se sentindo ainda mais desprivilegiados em comparação. Não posso falar por ninguém de Helipa, lógico, não sei se algum deles também está desconfortável, ou se todos estão tranquilos, mas eu me sinto mal de ser colocada como um certo padrão pra se opor a todos eles. Ao final do encontro, imagino que eu teria que expor minhas impressões sobre Helipa, e eu seria a única falando. É um holofote que não sei se quero. Ainda mais por eles serem todos adolescentes e eu a única adulta, aí as palavras “pesam” diferente pra cada um. Em fim... quis abrir meu coração aqui porque não acho certo sumir, ou inventar desculpa pra largar. Acho que você precisa saber como eu tenho me sentido. Eu me mantive firme até agora porque queria ajudar, mas não está mais fazendo sentido pra mim, e acho que não devemos participar de projetos por um senso de dever/obrigação. Então posso ajudar a encontrar mais interessados da PUC, contextualizar tudo, e você pode usar todas as minhas fotos na pesquisa, mas acho que vou me retirar...”.

Algumas interrogações iniciais podem ser consideradas: 1- O jovem da favela, talvez por sua limitação concreta, a falta de recursos e oportunidades, parece ser mais aberto ao outro que os jovens universitários da PUC? 2. Já os jovens da PUC, talvez por terem mais recursos que o jovem de Helipa e a oportunidade de expandir sua vivência concreta para além dos “modelos” que os cercam, não se mostram espontaneamente abertos e interessados para o diferente?

De qualquer maneira se evidencia aí uma diferença de “classe social”, corretamente apontada pela última participante da PUC. Um abismo que não pode ser ignorado.

5. Uma ferida aberta que se afirma e reafirma.

Com a saída da última integrante da PUC, ficamos somente com a turma de Helipa e seguimos com ela. Esta turma, como falamos, se manteve engajada o tempo todo, poucas vezes faltavam com as propostas e propunham discussões interessantes ligadas à filosofia e à arte. As conversas sobre ética e política também eram bem-vindas. E os passeios continuavam sendo o sucesso com a experiência completa de corpo e mediação primária.

Por exemplo, na visita para a Bienal e Parque do Ibirapuera, eles ficaram bastante impactados com os artistas negros e indígenas, felizes e surpresos com as “minorias” terem voz em um evento de arte deste porte. No caminho da lanchonete já no Ibirapuera, encontramos um casal que passeava com seu porco de estimação de pelo menos uns 50kgs e a turma de Helipa ficou muito interessada em tentar pegar no colo ou tocar no bicho. Uns ficaram impressionados com a textura do seu pelo outros destacavam o fato do porco ser muito, muito quente ao toque.

No segundo passeio que fizemos – dia 18/12/2022- fomos para a Pinacoteca do Estado de São Paulo em 8 pessoas: a pesquisadora e 7 jovens de Helipa. Quando sentamos para almoçar no restaurante do museu, a experiência dos sabores e comentários sobre os pratos que pediram, é o que vamos destacar: a Tauanne queria experimentar o “*penne* ao molho de queijo”, mas não sabia o que era “*penne*”; aí o Rian – que se consolidou como fotógrafo profissional no projeto e que fotografa todos os eventos da região–explicando o que era para ela diz: “ah este prato tem em todos os casamentos que eu fotografo. Eu tô enjoado de comer isso”. Também todos pediram “*frappê*” para experimentar e a maioria se decepcionou com o sabor. E para finalizar, a cerejinha desta nossa expedição foi quando um deles ao terminar o almoço, disse: “nossa professora, a coxinha de Helipa é muito, mas muito melhor que esta que comi aqui!!”; quer dizer, encontrar com o outro, a outra coxinha é claramente uma maneira de saber quão boa é a sua coxinha, e é esta perspectiva, a “outrofagia”, o que nos interessa.

Vale lembrar também, a crítica de “colonizador” que o projeto recebeu ao defender os passeios para fora da favela; os feedbacks recebidos e apresentados a seguir, apontam para o contrário. Esta fase do projeto terminou com 10 integrantes de Helipa, nenhum da Puc, 6 encontros online, 2 passeios, 11 depoimentos e 01 encontro em Heliópolis.

6. Avaliação dos participantes que quiseram deixar seus depoimentos:

Fizemos algumas perguntas para ouvir os participantes. Estas perguntas foram colocadas no grupo de WhatsApp e compartilhadas para todos, inclusive quem não mais participava do projeto, mas se mantinha ali no grupo.

- O que ouviram sobre o projeto antes de entrar? Quem indicou? O que fez vcs se interessarem pelo projeto?

- Sabemos que o projeto Puc Helipa acabou não acontecendo como esperávamos, e seguiu com a turma que se interessou em ficar. Porque ficaram?
- Vocês gostaram de fazer os passeios fotográficos? Qual foi esta importância? Falem sobre a experiência completa, o encontro, o metro, a cidade, as refeições, os passeios.
- Vocês já conheciam os lugares? Com que frequência vocês saem de casa para passear por outros lugares fora o bairro de cada um? Aonde costumam ir?
- Podem me dizer o que ficou marcado para vocês nos nossos encontros presenciais?
- Gostaram dos encontros online? O que mais gostaram?
- Por favor critiquem e digam o que gostaram ou o que não gostaram e podem fala mal. Isso é pesquisa e é importante para a pesquisa.

Rian (gravou um vídeo; este texto é a transcrição)

Eu escutei que era um grupo de fotografia, eu fui atrás do projeto, eu o encontrei através da ONG Unas aí eu conheci uma pessoa (Maria Elisa) que estava fazendo o projeto e perguntei sobre o que eu poderia fazer para entrar nele. Eu fiquei porque posso dizer que fui atrás de cobre, e acabei encontrando ouro. Eu fiquei porque o que a gente estava fazendo estava mudando o meu jeito de olhar pro mundo, podemos dizer que estava mudando o meu jeito de viver. Eu amei fazer os passeios, eu conheci tantas coisas novas várias comidas novas várias pessoas eu vi um PORCO NO PARQUE KSKSKSKSSK aprendi a andar de metrô por conta do projeto também. Eu não conhecia os lugares, e dificilmente faço trabalho em lugares longe e a única forma na qual eu visito e dentro do ônibus e do Uber. O que ficou marcado foi o jeito da professora de lidar com a gente a paciência de ensinar a gente de ir buscar todo mundo no metrô pra poder mostrar, que existe um mundo enorme fora da nossa bolha ou fora da nossa zona de conforto. Eu gostei buscamos um jeito de se aproximar em meio à pandemia sempre damos um jeito pra gente poder está juntos. Eu acho que só a Puc deveria se aproxima mais da gente sabemos que vocês estão com a gente só que dificilmente vemos vocês aqui.

Giih

Conheci o projeto pelo Denis, ele colocou no grupo que teria um passeio para Bienal e eu fiquei muito interessada pois quando estava na escola e tinha passeios para esses lugares eu sempre ia ou pelo menos tentava ir e entrar nesse projeto me proporcionou muitas oportunidades de conhecer novos lugares e nunca tinha ido ou era a segunda vez que estava indo, ver diferentes realidades e lugares e provar novas comidas. Antes do projeto só saía para lugares próximos a minha casa como parques, festas e o shopping e com o projeto consegui ir para lugares mais distantes e me interessar a passear para lugares diferentes mesmo sendo um pouco longe de casa.

O que mais me marcou foi poder aprender a andar de ônibus e metrô coisa que antes do projeto não fazia mínima ideia. Gosto muito das conversas online por mais que eu não fale muito por ser tímida, mas adoro saber o ponto de vista de cada um sobre o projeto e as fotos diferentes que cada um tira, acho isso incrível.

Mauro

O Denis me falou sobre o projeto muitas vezes, e eu acabei ficando curioso para conhecer, e por eu me interessar muito por arte e até mesmo pra conhecer pessoas novas e trocar experiências decidi participar pois pensei que seria bom para mim, dito e feito, tive experiências incríveis e pude conversar sobre bastante coisas que eu gosto, com pessoas que também gostam e que tem visões diferentes para me apresentar sobre determinadas coisas. Os passeios fotográficos também me ensinaram muito, principalmente sobre composição. Pra mim, os passeios foram incríveis, pois eu saí um pouco da bolha de só ficar onde eu moro, sempre vendo as mesmas coisas e mesmas pessoas, em relação a comida eu não posso opinar tanto, mas a coxinha da pinacoteca não fica atrás das que eu comi no Heliópolis. Gostei muito do passeio do Ibirapuera, a exposição é incrível, infelizmente não consegui ver tudo, mas até onde vi me chamou bastante atenção, ver os artistas pretos e indígenas que muitas vezes são silenciados quebrando tudo com artes poéticas e muito políticas, sejam elas ou antigas ou até mesmo atual sobre todo esse cenário de preconceito. O que me marcou no encontro presencial foi em resumo dialogar, e estar com pessoas que gostam de arte, era algo que eu precisava e que sentia um pouco de falta, mesmo eu e meus amigos se encontrando com frequência, a gente saía apenas para esquecer um pouco dos problemas, já nos passeios tinha um foco estabelecido, o que gerava bastante conversa e curiosidades sobre tudo que a gente via, desde até quando algo é arte, até um mapa na parede com uma paleta de cores estranha, e isso foi especial, momentos de aprendizado, momentos de troca. Gosto muito do projeto e do seu formato, gosto do jeito que a Roberta instiga a gente a observar e questionar tudo.

Everton

Conheci o projeto através de amigos, a maioria dos comentários eram relacionados aos passeios e sobre o carisma da professora. O que mais me atrai é tantas ideias no mesmo ambiente, as reuniões são muito interessantes fazendo eu analisar a arte e os eventos da vida sobre outras perspectivas (literalmente). Sou novo no projeto, mas o grupo que compõe me agrada muito e gosto de participar por isso sigo. Gostei muito! Lugares que provavelmente não conheceria por iniciativa própria que estou conhecendo pelo projeto, além disso poder compartilhar isso em grupo é o mais interessante. O metrô já estou habituado, mas conhecer novos trajetos nunca é demais nessa cidade grande. As refeições são show, é muito bom sair do cardápio pra quem está acostumado só a arroz e feijão. No geral vejo como uma ótima experiência, tanto artisticamente como pessoalmente. Não, foram lugares novos. E saio do meu bairro com uma frequência muita baixa, pretendo conhecer novos lugares. Além da energia leve do pessoal creio que a arquitetura

da cidade me causa muita curiosidade, e essa idéia de sair com a intenção de observar cria um sentimento de como se fossemos o estrangeiro, se divertindo como crianças. Sim, acho que o fato de todos se proporem a falar e escutar no sentido ativo da coisa deixa o papo bem interessante. No geral gosto muito do projeto, os passeios são maravilhosos e as reuniões vem em bons momentos. Além disso creio que só o fato de estar em um período mais agitado da minha vida cria um desinteresse com um comprometimento mais afundo, mas no geral gosto do projeto em si e da forma como se é levado.

Tauanne (gravou um vídeo enquanto se maquiava para uma festa; este texto é a transcrição)

Quem me apresentou o projeto foi o Denis ele chegou em mim perguntando se eu gostava de tirar foto... é que eu amo projetinhos... é muito da hora, principalmente quando é de graça. Além de tudo ele falou que tinha comida e aí eu amei mais ainda porque eu adoro comer né? Eu gostei muito de você, professora, você é muito “da hora”, eu adorei você e te conhecer foi incrível e acho que você tem muitas coisas legais para acrescentar na minha vida de verdade e ...além disso os nossos passeios e de todas as experiências magnificas e incríveis que temos no projeto. Eu amo, amo, amo todos os passeios e principalmente aonde você leva a gente; tipo seja num parque ou num museu é sempre muito rico em cultura e eu acho isso muito incrível e eu acho legal que geralmente que a cultura andou sendo bem brasileira e eu amo o Brasil de verdade. Acho muito legal isso este lance da gente conhecer o mundo fora do nosso mundo. Não eu não conhecia nenhum dos lugares que a gente foi, nenhum deles e só no Ibirapuera e até no Ibirá a gente foi na Bienal e eu nunca tinha ido na bienal tanto do livro quanto da arte e olha eu amo ler viu todo ano eu fico triste porque não consigo ir. Meu, eu acho muito, muito bacana que toda a vez que a gente sai no presencial a gente aprende coisas novas e tem debates incríveis sobre coisas do mundo: pobreza, mercado de trabalho, ser artista no Brasil, foi uma das conversas que a gente mais teve entre eu e com você e depois entre eu e os outros alunos e falei muito sobre isso com a Giih que é da minha área também desenha e artes. Você mostra muita referência pra gente e eu acho muito, muito, muito incrível embora eu não tenho decorado. Eu amo o meets, eu amo conversa online e muito feliz e grata por isso. Eu amo, amo aula online. É uma das coisas boas da vida. A minha vida estava muito triste e sem vida social até eu começar a sair e não faz muito tempo.

Bom, eu gosto de muita coisa, mas agora eu vou soltar alguns pontos negativos. Eu vou dizer que é mais expectativa e quebra de expectativa minha quando eu entrei no projeto eu imaginava que a gente ia aprender a tirar foto bonita de ângulo da hora e aprender a editar e “tals” e eu sempre fui apaixonada por tirar apaixonada e revelar foto e eu meio que fiquei um tanto decepcionada porque não é exatamente isso né? É mais uma troca de ideias e papo de visão sobre futuro e progresso, sobre arte principalmente, sobre a vida, sobre ser pobre e sobre não ser pobre, sobre como o mundo lida com o mundo e como as pessoas do mundo lidam com o mundo e é, eu não vou dizer que isso é algo ruim na verdade só foi uma quebra de expectativa que eu tive e que inclusive eu achei maravilhosa porque eu amo seu ponto critico sobre as coisas e as vezes gostaria que você se aprofundasse mais sobre o assunto mas eu entendo que isso tem que ser do interesse de mais gente e não só do meu. E, bom, eu acho que esta é a minha única critica:

eu gostaria de me aprofundar mais sobre algumas coisas que a gente fala sobre alguns temas tipo eu não entendo nada de politica e eu adoro quando você fala sobre politica que as coisas vão fazendo um pouco mais de sentido. Eu estava lendo Caetés do Graciliano [Ramos], acho que foi o livro que ele mais abordou politica de uma maneira normal assim como o povo aborda: “ah porque eu vou votar no político que nem colocou religião na matéria” ... Eu achei da hora porque era uma coisa que passava despercebido por mim graças a você foram pontos que eu vi e parei para refletir enquanto estava lendo o livro. Ah, profe, você é realmente incrível e está fazendo realmente diferença nas nossas vidas.

Luciana (gravou um vídeo; este texto é a transcrição)

Oioioi sou a Luciana. O meu amigo Rian Cerqueira falou inicialmente que era um curso de fotografia o que me interessou bastante porque sou uma pessoa muito interessada em fotografia apesar de não ser muito fotogênica. O que fez eu me interessar foi justamente tenho interesse em tirar fotos boas. Eu me interessei bastante em ficar porque eu queria viver experiências novas e com os passeios eu e interesse bastante por isso. Eu fiz só um passeio foi super legal eu amei demais mesmo. A refeição foi super gostosa e tomei suco de abacaxi e hortelã e o frappé; eu não gostei muito do frappé porque eu não gosto muito de chocolate, mas eu amei demais a esfiha e o suco. A gente passou pelo metro da Luz e entramos na Pinacoteca. No metro da Luz eu já tinha ido antes e a Pinacoteca eu achei a estrutura do lugar é muito legal muito bonita também e as artes muito diferentes nunca tinha visto antes. Achei a paisagem muito bonita. Ficaram marcados os encontros online em que debatemos sobre diversos assuntos e um em particular que debatemos sobre saneamento básico, falamos sobre diversos assuntos pra gente debater dentro da favela. Eu gostei bastante de conhecer a turma e a professora e o que eu mais gostei do projeto é que não tem aquela cobrança da entrega de coisas. Eu amei as conversas online eu gosto bastante de debater, de falar mesmo, de dar a minha opinião e enfim este é o meu depoimento.

Denis

- O que ouviram sobre o projeto antes de entrar? Quem indicou?

R: Conheci o projeto por uma amiga que participava antes, ela me apresentou como um projeto novo de fotografia com um foco bom no Helipa e eu me interessei nisso.

- O que fez vcs se interessarem pelo projeto?

R: O foco na Favela do Helipa e em mostrar o mundo de fora através da fotografia.

- Sabemos que o projeto acabou não acontecendo como esperava, mas seguiu com a turma que se interessou em ficar. Pq vocês ficaram ou porque vocês saíram?

R: Fiquei muito pelas amizades que fiz, e pelos passeios que eram divertidos e mesmo que a gente não pensasse tanto sobre, sempre saia expressões intensas nas fotografias que tirávamos, como se naturalmente saísse de uma maneira muito mais verdadeira.

- Vocês gostaram de fazer os passeios fotográficos? Qual foi esta importância? Falem sobre a experiência completa, o encontro, o metro, a cidade, as refeições, os passeios.

R: Sempre gostei muito dos passeios, e das interações e o projeto por si só, é importante como uma maneira de nos ajudar a sair e expressar nossa visão mundo a fora, tanto como o mundo a fora nos mostrar coisas novas.

- Vocês já conheciam os lugares? Com que frequência vocês saem de casa para passear por outros lugares fora o bairro de cada um? Aonde costumam ir?

R: Já conhecia alguns como a Liberdade e a Paulista, mas teve muitos lugares novos que conheci pelo projeto, um bom exemplo é o “Minhocão” (acho que era esse o nome) na Marechal Deodoro.

- Sabendo que é possível aprender coisas fora da escola, podem me dizer o que ficou marcado para vocês nos nossos encontros presenciais?

R: Ficou muito marcado como nós íamos nos passeios, tirávamos algumas fotos bem distraídos mas sempre vinham com um impacto muito grande quando víamos o resultado final depois dos passeios.

- Gostaram das conversas online? O que mais gostaram?

R: Não participei muito por falta de tempo.

- Por favor falem o que gostaram ou o que não gostaram e podem fala mal. Isso é pesquisa e é importante para a pesquisa.

R: Gosto muito das interações, das amizades, os passeios e a professora, são coisas que complementam e acrescentam bastante no projeto e nos passeios. Tudo ao redor influência como nossa arte nasce e se transforma.

Maria Elisa

Olá, meu nome é Maria Elisa.

Estou com a Roberta desde o seu primeiro projeto o nofotofake, cada ano que passa a professora inova cada vez mais, desde o primeiro momento ela mostrou que realmente iria correr atrás para nós termos grandes conquistas, com ela nós conseguimos câmeras e apoio financeiro sem contar as experiências maravilhosas que ela nos proporcionou, tantos passeios, tantas fotografias e tantos e tantos ensinamentos. Nada cai na rotina, sempre tem algo de diferente, Roberta sempre traz algo novo, e neste novo começo acredito eu que não seja diferente. Roberta mostrou um mundo totalmente diferente, uma vez fomos em um cinema que não era dentro do shopping; não imaginei que existiam outros cinemas que não fossem dentro do shopping ou que não fosse o Cinemark, os ingressos são super baratos e passam filmes maravilhosos, assistimos o

filme “Entre Facas e Segredos” (meu favorito hoje em dia). Ela mostrou que não precisamos dar dinheiro para essas grandes empresas que não se importam com o público, podemos ajudar outras empresas que não tem o capital tão grande quanto a Cinemark e essa foi uma só das grandes coisas que ela me ensinou, sou muito grata.

Estefany (gravou um vídeo; este texto é a transcrição)

Olá sou a Estefany, tenho 19 anos participei do nofotofake por 2 anos junto com o pessoal daqui de Heliópolis e quero contar um pouco sobre minha experiência que foi algo incrível principalmente na área da fotografia; tive a oportunidade de ter uma prof. Incrível, a Roberta que nos instruiu com um olhar diferente da fotografia e gente parou de pensar só nas selfies que ela tanto dizia e trouxe a perspectiva do movimento e do olhar diferente para as coisas. Eu acho isso bastante interessante e vou levar sempre pra minha vida. Tive a oportunidade de conhecer lugares novos junto com o pessoal, fui para a Pinacoteca, para o Parque da Luz! Tiveram outros passeios, mas infelizmente eu não pude participar, mas acompanhando sei que o pessoal se divertiu bastante. Tive a oportunidade de conhecer a Kaina também, que foi muito marcante pra mim; foi a venezuelana que nos trouxe a oportunidade de conhecer um pouco mais do centro de São Paulo, porque a gente foi apresentar para ela. Foi bem legal mesmo, bem marcante para mim! E ... muitas coisas boas e a melhor parte foi o projeto que realizamos “O Fantasma da Vida Negra” junto com o David Kennedy que fotografou a mim, voltada para a percepção do racismo, a escravidão e tudo, algo muito forte pra mim que eu pude passar uma mensagem muito bacana. Algo que não tocou só a mim, mas a muitas outras pessoas também. Era para ser uma exposição, mas infelizmente não conseguimos finalizar, a gente tinha projeto para uma exposição no metro, mas tudo bem, tenho certeza que vão ter outras coisas aí maiores. Torço muito por este projeto que mudou a minha vida. Eu sempre falo pras pessoas da minha participação do quanto a Roberta é maravilhosa, do quanto ela apoia a gente, ela motiva a gente a conhecer coisas novas. Fico muito feliz e muito grata por participar deste projeto, o Nofotofake marcou sim a minha vida. Claro que tiveram momentos mais difíceis como por exemplo de se encontrar, de marcar os horários, teve a exposição que infelizmente não rolou, a pandemia né, acabou desandando um pouco, aconteceu em vários lugares né, mas não deixa de ser especial; foram todos os momentos muito especiais sou muito grata por isso por ter participado e torço pra que se conclua da melhor maneira possível. Não estou mais presente oficialmente no projeto, no Nofotofake, mas acompanho nos bastidores e sei que tem acontecido muita coisa interessante junto com a Puc e só espero que cresça ainda mais porque a Roberta merece e os integrantes também merecem bastante. O pessoal daqui de Heliópolis com certeza agradece muito por esta oportunidade eu sou muito grata e é isso. Só queria falar obrigada mesmo pela oportunidade e tchau!

Kauê (gravou um vídeo; este texto é a transcrição)

Oi professora, tudo bem, foi mal não ter entregado no prazo, mas estou aqui pra responder as perguntas e agora vou responder. Eu conheci o projeto pelo Rian, ele está a mais tempo no

grupo e ele acabou me apresentando a este grupo que dá passeios fotográficos; a gente aprende sobre a fotografia, aprende sobre a cultura e ainda por cima sai com uma cabeça muito diferente em relação a história, a religião, etc. Eu me interessei pelo projeto foi pela essência da fotografia, porque querendo ou não eu sou fotógrafo e cinegrafista, eu trabalho nisso e isso que me chamou mais atenção do projeto. Querendo ou não eu nunca saí tanto pra fazer passeio e cada passeio, cada cultura cada pessoa que eu encontrei dentro do projeto, foi algo que agregou a minha vida. Eu, em questão de histórias, culturas eu tenho uma nova visão sobre o que eu penso sobre a história. Falamos sobre o “Posto logo existo” e isso foi muito incrível, tive uma experiência muito da hora, foi o momento que eu mais tive contato, contato com a história e com a cultura, com o passado. A importância do projeto para mim foi em questão da história em si, isso daí foi muito bom para mim, porque eu não tinha a mínima ideia de que nós seres humanos tivemos esta época, este tipo de cultura, é incrível porque como hoje em dia o ser humano está só em um padrão moderno entender a história foi algo que agregou a minha vida. Contanto que, tipo os vídeos, eu melhorei através da cultura que eu além de ver a história eu via como ela é feita. Porque como eu sou cinegrafista, eu gosto de ver as histórias, o roteiro que está acontecendo dentro daquilo e ali me inspirou para eu me tornar uma pessoa melhor no ramo profissional que eu tenho. Cara, pra mim foi sensacional, a professora, a galera tem uma sincronia muito boa comigo, a gente tem posições diversas a gente discute sobre cultura, história, e as vezes sobre coisas que não tem nada a ver, sabe, ali virou um grupo, melhor uma família que tem interesses em comum. É isso.

7. As lições de uma experiência utópica de criação de intersubjetividade

A partir dos depoimentos acima e em consonância com as hipóteses iniciais do experimento “Helipa>Puc–Puc>Helipa”, podemos deduzir que independentemente das expectativas com as aproximações entre os dois ambientes distintos não confirmadas, outras aproximações foram feitas, como maneira de expandir as escolhas e os caminhos dos jovens que participaram. Por exemplo destacaríamos o envolvimento e a curiosidade dos jovens de Heliópolis em se apropriar de uma cidade que também deveria ser deles e, no entanto, lhes foi sistematicamente sonogada: visita à Bienal, Pinacoteca, Avenida Paulista, Parque da Luz, Minhocão. Com avidez eles se entregaram a “devorar” aquele outro mundo, primeiro presencialmente e depois fotograficamente. Os excelentes resultados da experiência pregressa do *Nofotofake* repetiram-se no grupo de Helipa.

Ao optar por deixar o experimento “falar por si”, assumimos que se trata de uma abordagem construída ú no caminho, um processo de encontro entre “outros”, entre alteridades radicais. Revelou-se como resultado um abismo dificilmente transponível por iniciativas casuísticas. O trabalho na “intersubjetividade” (ou no estabelecimento de vínculos comunicativos) entre os dois mundos que coexistem lado-a-lado sem se conhecerem demandaria ações multidisciplinares de longo alcance, a presença de um Estado cuidador e responsável, de um sistema amplo de cuidado e de amparo continuados, de educação pública de qualidade, um Estado que possa olhar por meio dos olhos de seus cidadãos em situação de fragilidade.

8. Última observação: o olhar

Uma contemporânea Ecologia da Imagem propõe-se a estudar os ambientes gerados pelas imagens em geral (incluindo-se aqui aquelas que se constituem como configurações dos outros sentidos: teríamos aqui também expansões do conceito de imagem, como imagens acústicas, imagens olfativas, imagens táteis e até imagens gustativas, além das imagens visuais propriamente ditas, aquelas captadas pelos olhos). Para tal enfoque requer-se uma postura distinta, incorporadora do entorno como parte do processo mediático: uma imagem nunca está apenas fora do espectador (imagem exógena) assim como também nunca está apenas dentro do espectador. A natureza de uma imagem se define pelo ambiente em que se encontra, juntamente com seu espectador. Hans Belting nos ensinou que em um ambiente de culto, uma imagem se define por sua capacidade de gerar “culto”. E em um ambiente mediático uma imagem se define majoritariamente por suas qualidades mediáticas. Assim, uma imagem se constitui por um olhar (e o olhar é uma capacidade aprendida) e cada olhar pode enxergar nas imagens ecos de si mesmo ao lado de ecos de seu entorno (de seu ambiente). Conforme disse Bataille (1929/2005), o olho é também um órgão devorador, como a boca. Ao nomearmos o presente projeto escolhemos o sinal gráfico matemático “ > “ usado para dizer “maior que”, contudo não o usamos em seu sentido matemático, mas em sua capacidade icônica de representar um olho de perfil. O sinal também pode representar uma boca aberta, igualmente de perfil. Assim, o título do presente texto deve ser lido HELIPA olha PUC – PUC olha HELIPA, ou então HELIPA devora PUC – PUC devora HELIPA. E “devoração” aqui tem evidentemente um sentido de metabolização cultural, de construção de “intersubjetividade”.

Referências

- Baitello, N. (2019). *Existências penduradas. Selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens*. Unisinos.
- Baitello, N. (2014). *A Era da Iconofagia. Reflexões sobre Imagem, Comunicação, Mídia e Cultura*. Paulus.
- Baitello, N. (2012). *O Pensamento Sentado: sobre Glúteos, Cadeiras e Imagens*. Unisinos.
- Baitello, N. (2002). *As Quatro Devorações. Iconofagia e Antropofagia na Comunicação e na Cultura*. COMPÓS: <https://cutt.ly/PDzgh3k>.
- Baitello, N. & Dabdab, R. (2020). Estar en el mundo 4.0. El Gesto del Fotógrafo como una Experiencia de las Cuatro Dimensiones del Lebenswelt. *AREA*, 26(1). <https://cutt.ly/9Dzdeky>.
- Bataille, G., Einstein, C., Griaule, M. & Leiris, M. (2005). *Kritisches Wörterbuch*. Merve.
- Dabdab, R. (2021). *O Fundo que nos Une: Por uma Intersubjetividade Social em Flusser*. COMCULT FLUSSER101: <https://cutt.ly/kDzne5b>.
- Dabdab, R. & Bornhausen, D. (2021). Modelos, moldes, medidas. A construção dos “modelos” para Flusser. *PAULUS*, 4(8). <https://doi.org/10.31657/rcp.v4i8.412>.

- Dabdab, R., Baitello, N., Menezes, J.E.O. (2020). “As crateras de Itabira”: Correspondência entre Vilém Flusser e Rodolfo Geiser Sobre a Ecologia. *LÍBERO*, (45). <https://cutt.ly/CDzoYTp>.
- Flusser, V. Ame teu outro como a ti próprio. (Sd-1, p. 90-91). Arquivo Vilém Flusser São Paulo. http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1566.
- Flusser, V. 10 Anos de Arte sociológica. (Sd- 2, p. 76-79). Arquivo Vilém Flusser São Paulo. http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1565.
- Flusser, V.. Phenomenology: a meeting of west and east? (Sd-3, p.2-7). Arquivo Vilém Flusser São Paulo. <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1539>.
- Freire, P. (2021). *Pedagogia da Solidariedade*. Paz & Terra.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford University Press.
- Pross, H. (1972) *Medienforschung*. [Film] Funk, Presse, Fernsehen. Carl Habel.

AUTORES

Roberta Dabdab. É fotógrafa e atualmente é doutoranda em Comunicação e Semiótica na PUC-SP e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É integrante do Grupo de Pesquisa Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura (CISC) e desenvolve um projeto social independente com jovens da favela de Heliópolis, na cidade de São Paulo.

Norval Baitello Junior. É doutor pela Universidade Livre de Berlim e professor de Teoria da Mídia e Ecologia da Imagem na PUCSP. Pesquisador 1A do CNPq.